

## ARTIGOS

## Profissão docente: desafios de uma identidade em crise

Marília Claret Geraes Duran\*

**RESUMO**

Este trabalho busca compreender tensões e desafios no campo da formação de professores, com o estudo de questões relacionadas às representações sociais de estudantes sobre a escolha pela profissão docente. Insere-se em um projeto maior, coordenado pelo Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade na área da Educação (CIERS-Ed/Fundação Carlos Chagas/FCC), no quadro das investigações do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores (FormAção/CNPq). Parte da problemática das representações sociais de estudantes dos cursos de Pedagogia e da Licenciatura em Letras, destacando aspectos relacionados aos desafios do trabalho docente e da profissão, com ênfase na aceitação e/ou resistência pela escolha da carreira docente. Os estudos registram a lógica da “resistência”, em suas relações com a lógica da “conformidade”, evidenciando a influência hegemônica de um grupo sobre o outro. Tal perspectiva reforça a importância de um olhar mais cuidadoso sobre as representações sociais de estudantes sobre o trabalho docente nos processos de formação, não só para problematizar questões em torno da profissão docente, mas também para compreender a dinâmica e os contextos sociais em que se expressam, ou seja, os espaços de formação e de produção e profissionalização docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Profissão docente; Representações sociais; Função de resistência.

## *Teaching profession: challenges of an identity in crisis*

**ABSTRAT**

Based on the theory developed by Serge Moscovici, this study is part of a project coordinated by CIERS-Ed/FCC. The research deals with the analysis of social representations over teaching practice, brought about by students of introductory teaching programs. In order to understand tensions and challenges in the field of the teachers' formation, study of subjects related to the students' social representations on the choice for the educational profession. Discuss the problem of social representations on the courses of Pedagogy and Degree in Portuguese, detaching aspects related to the challenges of the educational work and of the profession, with emphasis in the acceptance/or resistance for the choice of the educational career. The studies register the “resistance logic”, in their relationships with the “conformity logic”, evidencing the influence of a group on the other. Such perspective reinforces the importance of a more careful glance about the students' social representations on the educational work in the formation processes, not only to discuss subjects around the educational profession, but also to understand the dynamics and the social contexts in that they are expressed, in other words, the formation spaces and of production and educational professionalization.

**KEY-WORD:** Educational profession; Social representations; Resistance function

\* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Universidade Metodista de São Paulo.

## Profissão docente: desafios de uma identidade em crise

Marília Claret Geraes Duran

### INTRODUÇÃO

O estudo baseado na teoria fundada por Serge Moscovici (1961/1976) insere-se no Projeto “Representações Sociais do Trabalho Docente”, coordenado pelo CIERS-Ed/FCC. O interesse da pesquisa consiste no exame de representações sociais sobre a profissão docente, evocadas por estudantes de cursos de formação inicial de professores, com vistas a problematizar as ideias que podem estar circulando no universo consensual de tais cursos, com o entendimento de que a escolha pela carreira docente ocorreu, justamente, num passado recente e as representações sociais dos estudantes podem revelar “ou uma adesão pura e simples à ideologia do dom ou a crença em seus dons individuais” (VALLE, 2006) ou nada disso, podendo mesmo se identificar com uma escolha deliberada, associada ao mundo do trabalho. Quais são as representações sociais de estudantes de cursos de formação inicial de professores sobre sua escolha pela profissão docente?

A pesquisa desenvolve-se numa universidade confessional, com cem estudantes de cursos que formam professores para a escolaridade obrigatória, com a aplicação de um questionário composto de questões situacionais e de perfil. A análise se organiza com a utilização do software ALCESTE,<sup>1</sup> conjugada com a análise clássica de conteúdo, considerando respostas sobre a opinião da família, dos amigos e do próprio estudante a respeito de sua escolha profissional, pelo seu grau de popularização e de aceitação, ou pelo grau de resistência à escolha feita.

Um amplo olhar para a população estudada permite afirmar que a escolha pela licenciatura em Letras ou por Pedagogia parece corresponder às expectativas dos estudantes, uma vez que não manifestaram, pelo menos naquele momento, a possibilidade de solicitar transferência de curso nem mesmo de deixar de cursá-lo. Ao contrário, todos afirmaram que pretendem concluir o curso escolhido, e 76% deles pensam em lecionar imediatamente depois de formados.

### ESCOLHA PELA PROFISSÃO DOCENTE

Um breve olhar para os processos de profissionalização de professores, atualmente em curso no Brasil, evidencia o panorama conflituoso, por vezes precário e aligeirado, da formação inicial e da formação continuada dos professores, panorama que vem sendo destacado como de “desprofissionalização” dos professores. Assim, considero importante salientar a dinâmica que tem orientado as escolhas profissionais, que pode sugerir a hipótese segundo a qual a opção pelo magistério relaciona-se com as representações que o professor tem de si mesmo, de sua inserção no mundo do trabalho e de sua função social. Ainda que a pesquisa tenha como foco de análise alunos dos primeiros anos de cursos de Pedagogia e de

<sup>1</sup> Trata-se de um *software* criado para análise textual dos dados (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte), desenvolvido pelo engenheiro e sociolinguista Max Reinert para análise quantitativa de dados textuais. Tem como base de cálculo as leis de distribuição de vocabulário, visando a oferecer ao pesquisador uma análise objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação.

Licenciatura em Letras, a intenção da pesquisa dirige-se, justamente, para compreender essa lógica e as motivações que os remeteram à escolha da Pedagogia e de Licenciatura em Letras.

Isso significa reconhecer, por um lado, que ter nascido num determinado momento histórico e num certo ambiente sociocultural, definido por elementos estruturais bem precisos, seja de ordem econômica, política ou educacional, pode influenciar decisões quanto ao itinerário profissional. Por outro lado, o apelo à vocação para justificar as escolhas profissionais (BOURDIEU, 1998) pode produzir encontros harmoniosos entre as disposições e as posições. Todavia, como ressalta Bourdieu (1989) a escolha profissional não é, simplesmente, fruto de uma decisão consciente, realizada por um sujeito racional, mas também pode corresponder a uma operação frequentemente obscura, de um senso prático da posição no campo, orientada pela estrutura interiorizada que produziu toda a história anterior e que ainda conduz o presente.

Sabemos também que as representações sociais são historicamente construídas, dependem da memória e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais, étnicos e às diversas práticas sociais. Então, investigar as representações sociais de alunos de Pedagogia e de Licenciatura em Letras, “professores em formação”, sobre profissão docente, significa procurar compreender como vão sendo construídas tais representações, compreendendo o próprio processo de sua constituição, processo que envolve uma análise sobre como os conhecimentos de vida, como os saberes docentes vão sendo construídos em determinados contextos sociais e no próprio processo formativo. As representações, “como fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado” (JODELET, 1994, p. 34), permitem que se depreenda delas os múltiplos processos que concorrem para sua elaboração e para sua consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais.

O desenvolvimento da pesquisa de campo envolveu, numa primeira fase, a aplicação de um questionário para os estudantes universitários, composto de três partes: a) questões de associação livre; b) questões situacionais elaboradas como se fossem respostas a uma carta; c) questionário de perfil. Contudo, a discussão aqui estará considerando três questões abertas, propostas aos estudantes, a partir de um longo questionamento a respeito do curso escolhido (Pedagogia ou Licenciatura em Letras) para sua profissionalização.

O grupo estudado apresenta o seguinte perfil: 40% fazem o curso de Licenciatura em Letras e 60%, o curso de Pedagogia. A maioria (87%) é do sexo feminino; 59% consideram-se brancos, 26% pardos, 10% negros e 5% amarelos. São 60% solteiros, 33% casados ou com união estável e 7% entre viúvos(as) ou separados(as) (desquitado, divorciado). Cinquenta e seis por cento das famílias contribuem financeiramente para a manutenção dos filhos, estudantes de Pedagogia ou da Licenciatura em Letras.

A escolaridade da mãe está fundamentalmente centrada no “ensino fundamental até a 4ª série” (45%), ensino fundamental até a 8ª série (21%) e ensino médio (16%). Entre o ensino superior completo e/ou incompleto encontram-se 10% das mães. Já a escolaridade dos pais é maior: 13% no ensino médio completo e 17%, no superior completo. E 5% de mães e 5% de pais nunca frequentaram a escola. Esse é um aspecto importante a ser considerado, pois, para um considerável segmento da população estudada,

a frequência em um curso superior, em uma universidade, pode significar um sonho, uma conquista da nova geração, independentemente da profissão escolhida. Como afirma uma das estudantes: “[...] para eles que mal concluíram o ensino médio, o que eu fizer, está ótimo”.

Um amplo olhar para a população estudada permite afirmar que a escolha pela Licenciatura em Letras e pelo curso de Pedagogia parece corresponder às expectativas dos estudantes, pois não manifestaram, pelo menos naquele momento, a possibilidade de solicitar transferência de curso nem de deixar de cursá-lo. Ao contrário, todos afirmaram que pretendem concluir o Curso escolhido, e, do total de alunos, 76% pensam em lecionar imediatamente depois de formados.

### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO SOBRE O TRABALHO DOCENTE

O primeiro movimento de análise voltou-se para os dados sistematizados na fase inicial da pesquisa, com a utilização do software ALCESTE. Foi desenvolvida uma proposta conjugada com a análise clássica de conteúdo (FRANCO, 2003; BARDIN, 1995), considerando, exclusivamente, as respostas dos “professores em formação” para as três questões abertas que compõem o questionário elaborado sob a forma de uma carta a um amigo, questionando sua escolha profissional. A primeira questão era sobre a aceitação da escolha pela família do estudante; a segunda, sobre a aceitação pelos amigos do estudante e a terceira provocava a opinião do próprio estudante sobre sua escolha pelo curso de Pedagogia, ou pelo de Licenciatura em Letras.

Os discursos dos estudantes, considerados no seu conjunto, revelam que, para eles, ainda é muito *difícil* definir claramente se cursar uma licenciatura – seja no curso de Pedagogia, seja no curso de Letras – foi uma boa ou uma má escolha profissional. Quando a resposta traduziu uma perspectiva negativa para a escolha realizada, os estudantes a justificam com argumentos que remetem à desvalorização social da carreira, com respostas que problematizam os baixos salários, a falta de estímulo, o desgaste de possíveis agressões e o desrespeito dos alunos por seus professores.

Já quando as respostas se organizaram na relação “foi uma boa escolha/foi uma boa escolha profissional”, os argumentos apresentados justificavam a atividade “ser professor” como uma escolha pessoal, evidenciando sua concordância com tal escolha, apoiando mesmo a escolha feita, por ela traduzir uma vocação. A referência à vocação, ao “gostar e ter jeito com crianças”, ao “dom”, é marcante. E também é saliente a perspectiva do sucesso na profissão, a crença na educação como possibilidade de mudar a base da sociedade, a referência à possibilidade de bons professores contribuírem com o desenvolvimento do país.

Com o ALCESTE, foi possível não só distinguir classes de palavras que representavam formas distintas de discurso, como também constituir categorias mais gerais de conteúdo e a indicação de representações sociais sobre determinado objeto. Contudo, também foi utilizada a análise de discurso clássica, e o *corpus* foi reorganizado considerando as classes de respostas em torno de “Minha família acha que fiz uma boa escolha profissional”, que representam mais de 80% das respostas, distinguindo quatro categorias.

A primeira categoria, com respostas escritas em primeira pessoa, justifica a escolha profissional como uma escolha pessoal, como “dom”, como realização de um sonho a ser alcançado. Essa categoria, que pode ser

sintetizada com a expressão “profissão e sonho”, obteve 35% das respostas. A segunda categoria, que tem a justificativa da escolha profissional centrada em características pessoais consideradas importantes para ser professor, sintetizada pela expressão “profissão e identificação”, obteve 24% das respostas. Uma terceira categoria obteve 11,8% das respostas e refere-se à escolha profissional valorizando a área de conhecimento, o campo de trabalho e as contribuições que a área proporciona aos alunos, ou seja, “profissão e campo de trabalho”. A última categoria, com 9,4% das respostas, também valoriza a escolha feita e argumenta que se trata de uma profissão em crescimento, com boas oportunidades no mercado de trabalho.

Em 20% dos casos, a família não apoia a decisão quanto à escolha profissional justamente por considerar uma carreira desvalorizada, desgastante e sem retorno financeiro compatível com o esforço empreendido. Algumas dessas respostas podem ser sintetizadas pela expressão “profissão desvalorizada”.

No entanto, quando as respostas se referem à opinião dos amigos quanto à escolha profissional, a maioria das respostas (60%) articula-se na relação “ser professor não vale a pena”, com respostas que colocam ênfase nos baixos salários, no desinteresse dos alunos e na própria atividade profissional, evidenciando, por vezes, a visão estereotipada da profissão docente, muitas vezes reforçada pela mídia, e o pouco reconhecimento da profissão, em razão dos baixos salários e das condições de trabalho.

Considerando os resultados parciais, a discussão se organizou na perspectiva de uma classificação bidimensional da escolha profissional: pelo grau de popularização ou de aceitação e pelo grau de resistência a tal escolha. Os discursos produzidos pelos estudantes, por seus pais e por seus amigos – e introduzidos pela “voz” dos próprios estudantes – evidenciaram a função de resistência das representações sociais e a influência hegemônica de um grupo sobre outro, entendendo que as representações sociais são a produção cultural de uma comunidade que tem como objetivo resistir a conceitos, conhecimentos e atividades que ameacem destruir sua identidade. O sentido de “resistência”, articulado com o de “representação”, geralmente vem ligado a contextos intergrupais, introduzindo e mantendo a heterogeneidade no mundo simbólico. Esse trabalho procura justamente evidenciar o sentido de resistência de um grupo sobre si mesmo, considerando pontos de vista distintos sobre um mesmo fenômeno.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Pensar a formação do professor em um curso de Pedagogia ou Licenciatura em Letras significa também pensar a docência da escola básica, assim como significa problematizar seu exercício e sua profissionalização nas esferas municipais e estaduais. Isso implica considerar, nessa relação, sua configuração burocrática, ou seja, as características que contornam uma profissão exercida por funcionários públicos de escalões inferiores e médios de Secretarias de Estado e Secretarias Municipais de Educação, quanto à valorização, ao desenvolvimento e ao exercício da profissão docente. Essa perspectiva tem implicado determinada representação social a respeito da profissão docente centrada na precária situação do trabalho docente, considerando as condições de trabalho em suas diferentes facetas (SAMPAIO; MARIN, 2004).

Nesse sentido, observar a contradição entre a “opinião da família em relação à escolha profissional” e a “opinião dos amigos em relação à escolha profissional”, ainda que tenham sido introduzidas por uma única voz – a “professores em formação” –, evidenciou a função de resistência relativa à influência hegemônica de um grupo sobre outro.

Explicando melhor: Bauer (2007, p. 229, grifos meus), em interessante trabalho, propôs-se discutir uma das questões que, “deu origem à noção de Representações Sociais [RS]: a função da **resistência**” [...] “na perspectiva de que as RS são a produção cultural de uma comunidade que tem como um de seus objetivos **resistir**<sup>2</sup> a conceitos, conhecimentos e atividades que ameaçam destruir sua identidade”. A resistência é, assim, uma parte essencial da pragmática das RS e “um fator criativo”, diz o autor, “que introduz e mantém a heterogeneidade no mundo simbólico de contextos intergrupais”. Bauer apresenta, então, a proposta de estudar a popularização da ciência por meio de uma classificação bidimensional de atividades comunicativas: pelo grau de popularização e pelo grau de resistência.

Em uma perspectiva similar, este estudo trouxe a possibilidade de se estudar as representações sociais de “professores em formação” nessa classificação bidimensional, pelo grau de popularização ou de aceitação da escolha profissional e pelo grau de resistência a tal escolha, considerando discursos produzidos pelos pais ou pelos amigos, ainda que pela “voz” dos próprios “professores em formação”. Dizendo em outros termos: possibilitou certa “resistência de si”, certa resistência dos professores em formação para com eles mesmos.

Os discursos imputados pelos pais dos “professores em formação” aparecem ancorados, materializados em uma quase (in)visibilidade da profissão docente, da precariedade e dos limites das condições de vida e de trabalho dos profissionais do magistério,<sup>3</sup> perspectiva que, ao contrário, é problematizada e fortemente salientada nos discursos produzidos pelos amigos dos “professores em formação”. Corroborando tal análise, estudos desenvolvidos por Oliveira (2004) evidenciam que teria havido, especialmente nos anos 1990 e considerando as políticas implementadas no campo da formação de professores, um deslocamento temático do estudo sobre o trabalho docente para análises sobre a formação docente, o que nos permite considerar que tal deslocamento registra esse lugar pouco central da categoria “trabalho” no campo da educação brasileira.

A escolha pela profissão docente, a escolha por cursos de Pedagogia e de Licenciatura em Letras, objetiva-se na concordância da família, na aceitação, pela família, de uma escolha pessoal do(a) filho(a), na perspectiva de realização de um sonho e, também, por ser um “dom”; objetiva-se, ainda, em características pessoais consideradas relevantes ao exercício profissional: ter “jeito” com criança, apresentar potencial para ensinar, ser objetiva. A objetivação na própria área de conhecimento não é tão saliente, pois a valorização da área está mais relacionada com uma possível “cultura geral” que o curso poderia oferecer do que com a problematização, propriamente, da profissão docente, seja no curso de Pedagogia, seja no de Licenciatura em Letras. Tal aspecto se expressa exemplarmente no discurso de uma estudante do curso de Letras: “Cursar Letras é uma excelente opção para quem pretende aperfeiçoar-se em Língua Portuguesa, todavia fuja, enquanto em tempo, da ideia de tornar-se professor”.

A última pergunta do questionário não era propriamente uma pergunta, mas sim um convite, um espaço para o “professor em formação” se pronunciar livremente, após toda a reflexão que certamente precisou fazer a respeito do curso, a respeito da qualidade do curso, a respeito da escolha profissional que estava fazendo. Nesses depoimentos, as palavras dos “professores em formação” evidenciam a consciência crítica dessa contradição entre o sonho de se tornar professor e a realidade das precárias condições de

<sup>2</sup> É importante considerar que estou construindo aqui um sentido de resistência articulado com o de representação e que geralmente vem ligado a contextos intergrupais, para um sentido de resistência de um grupo sobre si mesmo, considerando pontos de vista distintos sobre um mesmo fenômeno.

<sup>3</sup> Fanfani (2007) utiliza-se de uma expressão que considero bastante pertinente para expressar essa tendência à formulação de “generalizações abusivas” (e algumas vezes interessadas), não apenas defasadas no tempo, mas também incapazes de dar conta da extrema diversidade de situações que caracteriza hoje a docência: “indiferença pelas diferenças”.

trabalho: professores sem salários decentes, a comunidade distante da escola e as dificuldades de ensino, seja por falta de preparo, seja por falta de recursos, seja por desmotivação. Por outro lado, também evidenciam a crença de que “ainda vale a pena ser professor no Brasil”.

Quero chamar a atenção aqui para um aspecto importante, que talvez possa contribuir para o entendimento dessa contradição que há muito faz parte do ideário que se manifesta em vários segmentos sociais sempre que se discutem questões relacionadas a ser professor, pelo menos a “ser professor no Brasil”, a partir dos anos 1970.

Spink (2007, p. 118), com base em Jodelet (1984), discute que “as representações sociais, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetivas”, ou seja, as RS não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo, precisando ser entendidas a partir do contexto que as engendra, a partir da sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano.

Podemos, então, afirmar que as representações sociais são também “uma expressão da realidade intra-individual” e, nesse sentido, “são estruturas estruturantes que revelam o poder de criação e de transformação da realidade social”. As representações sociais, enquanto produtos sociais, têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendraram, ou seja, ao contexto de “produção”, como campos socialmente estruturados e “enquanto produtos sociais” (SPINK, 2007, p. 121). Deve-se desenvolver uma leitura do contexto social marcada não apenas pelos fatores situacionais, usualmente mais associados ao sistema social – as determinações estruturais e as relações sociais –, mas também pondo ênfase nos diferentes tempos históricos que permeiam a construção dos significados sociais. Spink (2007, 122) aponta três tempos dessa perspectiva temporal:

[...] o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de socialização – o território do *habitus* (Bourdieu, 1983), das disposições adquiridas em função da presença da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social.

Entendo ser exatamente nesse espaço, entre núcleos mais estáveis das representações e o “aqui-e-agora da interação”, na contradição e no confronto com a diversidade e a criação, que se situa a possibilidade de entender as “representações sociais” sobre a profissão docente evocadas por estudantes de cursos de Pedagogia e/ou de Licenciatura em Letras. O acompanhamento do grupo participante da pesquisa, em outros momentos do curso, poderá ampliar o entendimento dos significados sociais atribuídos aos cursos. Como afirma um dos “professores em formação” em seus comentários: “Ser professor envolve uma atividade complexa, e é talvez uma das profissões em que o resultado do seu trabalho aparece de forma concreta”.

A continuidade da pesquisa centra-se, justamente, na construção de narrativas formativas desses “professores em formação”.

**REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. *Análise do discurso*. Lisboa: Ed. 70, 1995.

BAUER, M. A popularização da ciência como “imunização cultural”: a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa, DIFEL, 1989.

FANFANI, E. T. *La condición docente: análisis comparado de La Argentina, Brasil, Perú y Uruguay*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

JODELET, D. Réflexion sur le traitement de la notion de Représentation Sociale en psychologie sociale. *Communication Information*, v. 1, n. 2 e 3, p. 15-41, 1984.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, set./dez. 2004.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. *Textos em representações sociais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional ou deliberada? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 87, p. 176-187, mai./ago. 2006-2007.